

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a corr. correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

sr. Salvador Moya
Av. Tiradentes 60 S. Paulo

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

ANNO . . . . . 10\$000
SEMESTRE . . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

A invasão negra

O bando negro de parasitas, jesuita ociosa e vadia, sotaiças d'ambos os sexos - padres, freiras, frades e irmazinhas estão invadindo duma maneira rapidissima todo este paiz, e não tardará muito que elles sejam os unicos senhores, se os espiritos livres e esclarecidos, lançando mão de todos os meios ao seu alcance, não obstam a que tal facto se perpetue.

Apesar da apregoada separação da igreja e do estado, este não se oppõe á invasão dos barbaros de batina, mas muito ao contrario promove os meios para que todas as facilidades lhes sejam dadas.

Não ha, pois, que esperar nada dos poderes constituídos. Estes para a sua conservação precisam de quem pregue a submissão, o respeito e a obediencia ás leis, delles dimanadas, e que não são outra coisa que o esmagamento dos trabalhadores pelos seus patrões e donos em proveito e favor dos mandões.

E' uma tarefa de tal responsabilidade, que ninguém mais apto que a padroada para a levar a cabo.

Os padres e jesuitas de casaça, com suas escolas, seus liceus de artes e officios, suas irmandades, suas lojas e toda a especie de associações religiosas, têm uma fabrica desigual para o ministramento da estupidez e da cegueira moral e intellectual. Dahi o apoio e a adhesão de todos os que têm empenho em manter este miseravel estado social, a todas as empresas de caracter religioso.

Na Europa trava-se uma luta formidavel para que a influencia clerical, para que o clero em suma se veja cada vez mais inhibido de estender as garras aduncas.

Aqui aceitam-se, de braços abertos, todos que de lá são escurraçados e que vêm procurar mais largo campo ás suas manobras traiçoeriras.

Os operarios accusados de propagandistas dos ideaes avançados não podem desembarcar, impedem-lho. Os vis roupeias, que não têm outra missão senão embrutecer e corromper a humanidade em proveito proprio, desceem e sobem, embarcam e desembarcam e até se lhes faculta passagem gratuita, não lhes pedindo ninguém satisfação.

E' que a aspiração que os anima é extranhamente opposta. Os operarios esclarecidos querem que os seus irmãos de infortunio gahem consciencia de sua força e de seus deveres para procederem em conformidade. Os padres querem que os trabalhadores continuem a ser as eternas e incorrigiveis bestas de carga dos patrões e da igreja de que são caixeiros-viajantes. Que lhes importa que os trabalhadores guem, padecem e sofram necessidades de toda a ordem, comtanto que todo o proveito redunda em beneficio de suas panças?

As suas barrigas são o ideal.

Mas urge que se opponha um obstaculo a este grassar da epidemia religiosa que, a'continuar deste modo, dentro de pouco tudo contaminará com a sua peçonha.

Que todos os espiritos livres, que sabem quantos males devemos á religião, procurem, por meio da palavra, do folheto, do exemplo, na sua familia essencialmente, impedir parte dos males, pelo menos, que este augmento da fanaticismo religioso arrasta consigo, nesta febre louca da criação de novas dioceses, de novas mitras, de noyos cardeaes e tutti quanti.

Pinho de Riga.



Mas, sr. cura, é essa agua ordinaria que vossa reverendissima deita na pia santa?!

Que quer você, minha querida menina? Por distração, lancei a bençam duas vezes sobre a agua que estava na fundo da pia. Ella ficou pois muito forte: agora é preciso abranda-la...

por cima, são pagos nesse dia para cantarem a sua missinha e berrarem com a sua voz fanhosa de tabaquistas um desafinado «Te-Deum».

O espirito do proletariado, porém, ha de illuminar-se e elle ha de reconhecer que, em vez de se prostrar por terra em uma igreja christã, a 1.º de Maio, nesse dia melhor andará cobrindo de maldição uma religião que foi sempre o mais terrivel obstaculo a que elle conquistasse o posto que, de direito, lhe cabe na sociedade.

Ignoto.

A agua milagrosa

Chamo a attenção dos leitores da Lanterna para o annuncio que abaixo transcrevemos, inserto num grande jornal carioca de domingo, 5 do corrente.

Inaugura-se hoje, no sacro de S. Francisco, em Jurujuba, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Após quasi dois annos de trabalho perseverante, vai-se inaugurar hoje, no bello outeiro do Saco de S. Francisco, a gruta de N. S. de Lourdes.

Para esta solemnidade, o respectivo vigario, padre Odasco, organou um att-abente programma.

Desde ás 8 horas da manhã até á noite, serão realizadas diversas festividades, internas e externas, com o auxilio das familias distinctas da cidade vizinha.

A inauguração solenne da gruta será feita ás 8 1/2 horas da manhã por d. Agostinho F. Benassi, bispo de Niteroy, que celebrará missa no interior da gruta. Assistirá a este acto, como madrinha da festa, a esposa do dr. Francisco Salles, ministro da Fazenda.

Além da missa solenne, que será celebrada ás 11 horas, por monsenhor Quartim, vigario geral da diocese, e de Te-Deum ás 6 horas da tarde, serão realizadas kermesses, leitão de prendas e queimada um lindo fogo de artifício sob a direcção do pyrotechnico Passari. Em resumo, as pessoas que visitarem hoje a gruta de Lourdes encontrarão em quantidade, boa musica e muitos outros attractivos para que o dia desta inauguração seja sempre recordado como um acontecimento altamente significativo dos sentimentos christãos da sociedade fluminense.

Peço desculpas á illustrada redacção pelo espaço que a reclama occupa, porém tratando-se de tão importante estabelecimento de utilidade publica, é justo que nenhum organ da imprensa brasileira se recuse dar-lhe a maior publicidade, fazendo-o conhecido em todas as cidades, villas e aldeias deste vasto paiz.

Que se ignore, por exemplo, onde fica o Instituto Pasteur comprehende-se, porém não haveria desculpa nenhuma em não se saber onde se ergue a gruta de Lourdes, cuja agua possui a virtude de curar todas as molestias, por mais graves que sejam.

A nova empresa é uma succursal da famosa e universalmente conhecida Lourdes dos Pyreneus, em Franca, e o seu pessoal acha-se habilitado, tanto como o da casa matriz, a executar todas as recommendas que lhe dirigir a

NOTAS A MARGEM

A imprensa estrangeira noticia um destes dias que a guarda suissa do Vaticano, após um repouso prolongado de todas as attitudes bellicas, estava sendo constringida pelo seu novo comandante a duros exercicios militares, que o Papa contemplava de uma janella dos seus aposentos com manifesta satisfação. Não me admira que tal haja succedido. O Vaticano, despojado do seu poderio passado, vive da fantasmagoria desse poderio. Apellido-se uma corte, e não tem um soberano. Quer representar um Estado e não passa de uma simples residencia particular, embora contendo maravilhas de arte. Pretende inebriar-se na illusão dos exercitos, e tem por isso uma tropa de apparato, cujas funcções são puramente decorativas. Não é pois para surpreender que queira tambem ter a illusão da força, das possiveis carnificinas de infeis, armando essa tropa com espingardas modernas e fazendo-a suar em exercicios violentos, como se se tratasse de um corpo de exercito allemão ou francez. Simplesmente, haveria motivo para invocar a caridade evangelica do vigario de Christo na terra, esse Christo que prohibiu a Pedro que usasse da espada em sua defesa, e que fortaleceu com a mansidão do seu espirito a paz da sua doutrina. Mas estamos bem habituados a ver o Vaticano proceder em tudo ao contrario do Evangelho. A humildade que elle reza converte-se em Roma numa illimitada soberba, a sua resignação em odio, a sua brandura em colera, o seu desinteresse em ganancia, o seu apostolado em tyrannia e oppressão. Bem sei que hoje a sua acção limitada já não pode fazer rolar a corôa dos reis nem subjugar a vontade dos povos como antigamente. Mas o espirito, a intenção permanece. O Vaticano vive numa mascarada, as nações escapam-lhe. Já não tem uma espada para varar corações. Já não tem fogueiras para calcinar corpos. Já não tem excommuniões para subjugar consciencias. Mas vive, procede ainda como se desas armas dispuzesse, e nessa illusão se mantém. Para isso dá armas aos seus soldados, lança as suas encyclicas, arremessa ao mundo a lenda de um supplicio que não existe. E' um recurso extremo? Não. E' uma loucura que terminará pela derrota definitiva, quando nas grandes salas do Vaticano não se encontrar já um unico cardeal, nem se avistar a sombra de um guarda suisso.

Mayer Garção.

(Do Mundo, Lisboa).

O VINHO DO PURGATORIO

Ouviu a campanha, Fran-

Tres horas da tarde, em dia de inverno humido e brumoso. Perto dum bom fogo de abas de fais, na sala de jantar do presbyterio, o sr. vigario, finda a leitura do breviario, dormitava suavemente e tinha-se sobresaltado ao tilintar da campanha, agitada por mão vigorosa no portão exterior. Repetiu com voz mais forte:

Ouviu a campanha, Fran-

Na cozinha, a criada, velha encaquilhada com um fochino de farinha e signaes peludos nas faces, condimentava um frango para o espeto.

Já lá vou, sr. vigario, já lá vou! respondeu ella com impaciencia.

Dois minutos depois, introduzia um camponex de uns sessenta annos, alto, magro, arqueado, barba grisalha. A' entrada do vestibulo, limpou os tamancos enlameados e tirou a blusa coberta por um vapor humido. O padre levantara-se para ir ao seu encontro; ficou contente ao ver que era

um dos seus melhores parochianos, assíduo na missa e irmão de S. Roque, o tio Gilberto Monin, caseiro dos Colmos. E como eram apenas tres horas e o tempo tristonho tornava pouco agradável a perspectiva do seu quotidiano passeio exterior, reflectiu que o bom do homem ia ajuda-lo a passar a tarde. Por isso recebeu-o ainda com mais cordialidade e calor.

Ah! é o tio Monin! Entre, entre; olhe, sente-se ali, ao lado do fogo, defronte de mim...

Muito obrigado, sr. vigario! não vale a pena, sr. vigario, não, senhor...

Vale, sim, sente-se; um calorzinho não lhe hade fazer mal; lá fóra o tempo não está assim tão bom.

Ah! lá isso é verdade, sr. vigario; pois então vou-me sentar um bocadinho, para lhe dar gosto.

Coza certeza... com certeza... E que bons ventos o trazem hoje á povoação, tio Monin?

Vim por causa de um dos meus bois que partiu a corrente a noite passada; trouxe-a ao ferreiro para a soldar.

Ah! bom, bom... E que me diz a' este tempo humido? mau para os trigas, não é verdade?

Decerto, sr. vigario; e em nossas terras não devia haver agua na estação baixa. Os trigas não teem boa cara, sobretudo os que foram semeados no fim. Estou com muito medo que a colheita não seja grande coisa no anno que vem...

Isso conforme, vamos; correndo bem a primavera...

Não ha duvida, sr. vigario, a primavera vale de muito; oxalá que seja boa.

Houve um silencio; o tio Monin olhava para os gatos-de-ferro com ar embaraçado; por fim disse:

Vim aqui a casa, sr. vigario, para saber quando poderá dizer uma missa por alma da minha fallecida mulher.

Ah! quer mandar dizer uma missa?

Quero, sim senhor; não ha remedio senão pensar nella de vez em quando, coitadinha.

O parochio tirou do bolso uma carteira, que consultou.

Vamos a saber, é uma missa rezada, não é verdade?

Sim senhor; o sr. vigario bem sabe que eu não tenho posses para mandar dizer missas cantadas...

Esta semana, não posso, tenho os dias todos tomados; na semana que vem, talvez... Sim, quinta-feira... Convem-lhe quinta-

CAUTERIOS

LXVI

ROMA, 6 - No bevedero do Vaticano realizou-se hoje a cerimonia do juramento da bandeira pontificia pelos recrutas da guarda Suissa do papa.

Depois do juramento, em que foram introduzidas ceremonias não observadas ha cincuenta annos, desfilarão as forças deante do commandante e do capellão. Levavam os soldados o sinco com penacho e uma reluzente couraça.

As praças iam precedidas de bandeiras e tambores como nos exercitos regulares.

(Doi jornaes).

Atheus, herejes, gente excommungada, Protestantes, buddhistas, hotentotes, A' hora fatal emfim eis-a shegada. Preparam-se os punhães e os chifiratos.

Tremai, que ahí vem em deida desfilada, Aos trambolhões, aos trancos e aos pinotes, A Guarda heroica, a Guarda abnegada Dos Sanchos Panças e dos dons Quixotes!

Bum! estapum! Tremai, gente maldita! A fé christã por certo resuscita, Vlo falir Krupp e Mauser aloquentes.

Pum! pum! Ando o progresso de sacrolra, Hoje não é pretaes uma foguetra: Basta um fusil p'ra converter as garras...

Beato de Silva

Biblia vermelha

Os limites entre a fé e a superstição são individuais; traçam-se segundo as crenças e as convicções.

Baronessa de Knorr, (cônego honoraria do capitulo de Brunn).

A pretensão do clero de que des empenha uma missão a elle confiada por Deus é tão absurda como essa honra que se faz crer aos reis: que estes são as imagens de Deus na Terra! Frederico II da Prussia.

feira da semana que vem, ás sete e meia?

— Sim senhor, tanto me faz esse dia como outro qualquer; agora não temos serviços com pressa, podemos vir todos...

— Muito bem assim; Deus ficará satisfeito e quem aproveitará hade ser a alma da defunta.

O rendeiro tirara a bolsa da algibeira e voltava-a entre as grandes mãos callosas, escuras e gretadas.

— Quanto lhe devo, sr. vigário?

— Ora adeus! Pagará no fim...

— Antes quero já, sr. vigário, já que aqui estou; assim fica tudo prompto.

— Bom, nesse caso, são dois francos.

O tio Monin tirou da bolsa uma moeda de dois francos e estendeu-a ao padre, que machinalmente a poz sobre a chaminé. Depois fez menção de partir, levantando-se. Mas o bom do vigário, desejando rete-lo mais um instante, lembrou-se de lhe oferecer de beber.

— Está assim com tanta pressa? Ainda vamos beber um copo de vinho; ha muito que não o fazemos juntos.

E sem esperar a resposta, chamou:

— Francisca! Francisca!

Na cozinha, o frango estalava agora no espeto, e a velha servia um pouco surda, não respondia. Teve de chamar seis vezes seguidas, com força crescente:

— Francisca! O' Francisca!

Entretanto, o abegão murmurava:

— Muito agradecido, sr. vigário, não posso demorar-me; tenho de ir tratar dos animaes, bem sabe...

A velhota ouviu finalmente e mostrou a cara rebarbativa, enfarruscada e orvalhada de suor.

— Que ha mais? perguntou ella, rubegenta.

O amo tomou o seu ar mais suave:

— Traga-nos uma garrafa de vinho, Francisca... e do meu, sabe, do vinho do Purgatorio...

Este vinho, tinha-o elle proprio colhido na vinha contigua ao seu jardim, na vinha do Purgatorio, nome que elle lhe dera pelos trabalhos que exigia. Reservava-o para as provas festivas, para jantares de amigos.

— E então, que lhe parece o meu vinhinho? perguntou o padre, após uma hora de palestra, quando o tio Monin, esvaziado o ultimo copo, quiz absolutamente ir-se embora.

— Que me parece?... Ah! sr. vigário, nunca na minha vida bebi vinho tão bom! E com toda a franqueza, olhe, vou-lhe dizer a ideia que me veio á lembrança: visto que no Purgatorio ha assim tão bom vinho, não vale a pena mandar dizer missas para que Nosso Senhor de lá tire os que lá estão dentro...

Levantou da chaminé a moeda de dois francos e embolsou-a.

— Nada; a missa por alma da minha mulher já não é precisa; é mais feliz do que eu, lá...

E em quanto o parcho permanecia atarantado, meio espantado meio alegre, o rustico transpoz o limiar da porta, cumprimentando:

— Então até á vista, sr. vigário... E muito agradecido!

Emílio Guillaumin.



### Concorrença

Vendo que o templo ficava sempre ás moscas, o pastor C. Hutchinson, de Rayne, Essex, Inglaterra, lembrou-se de juntar ás ceremonias religiosas concertos nos quaes se fuma, havendo cerveja, tabaco, chá, café e doces.

A ideia deve ser aproveitada pelos padres de todos os credos. Porque não intercalar, entre uma sessão cinematographica e uma cançoneta bregueira, um sermão, uma missa ou uma ladainha?

Ainda havemos de ver pelas esquinas vistosos cartazes illustrados, com os retratos dos Geraidos, e do padre Faustino, annunciando um programma variadissimo e atrahente de fitas do arte, modas brasileiras e ceremonias religiosas, tudo condimentado com um bufete bem provido e um sermão edificante sobre a castidade sacerdotal. E em caracteres vermelhos e enormes, para chamar a attenção, a pergunta:

— Onde está Idalina?

# CONTRA A CARESTIA DA VIDA

## Uma grande agitação

O comicio de domingo foi um bello successo — Fundou-se a Liga Popular Contra a Carestia da Vida — Amãnhã realizam-se duas grandes reuniões no Braz e no Cambucy — Outras estão sendo preparadas.

Vai num crescendo animador a agitação iniciada nesta capital contra o já intoleravel estado de penuria em que se encontra a população pobre com a crescente carestia dos generos de primeira necessidade e o augmento exorbitante dos alugueis de casa.

O Comité de Agitação, que ficou constituído na reunião realizada no Salão Celso Garcia no dia 23 do mez findo, deu immediatamente inicio aos seus trabalhos, reunindo-se diariamente.

De accordo com a deliberação tomada em sua primeira reunião, foram distribuidos dez mil exemplares do boletim que reproduzimos em nosso numero passado e no qual o povo era convidado para o comicio de domingo passado, annunciado para o Salão Celso Garcia.

A reunião foi coroada de um exito completo.

A hora marcada, 9 horas da manhã, o salão da rua do Carmo encheu-se completamente, dando-se inicio ao comicio.

Em nome do Comité, Edgard Leuenroth expõe o fim da reunião, na qual o numerooso povo ali presente deveria determinar a diretriz da grande agitação que se vinha de iniciar, delineando o programma de acção a se desenvolver.

Esta agitação interessa o povo e por elle deve ser feita; porisso era elle o unico competente para assentar o seu modo de agir.

Convidava, pois, a assembleia a manifestar-se amplamente sobre a questão.

Falou em primeiro lugar o dr. Passos Cunha que, em uma feliz oração, descreveu a situação em que se encontra o povo com a assustadora carestia da vida. Declinou-se partidario de uma intensa agitação publica tendente a conseguir pôr termo a tal estado de coisas.

Tomou depois a palavra o academico Demetrio Justo Seabra que, em resumo, propoz que se nomeasse uma commissão para se entender com os poderes competentes.

Falaram a seguir Alexandre Cerchiai, F. de Paula, J. Romero, J. Gallo, Leão Aymoré, José B. Silva, Manuel Ramos e outras pessoas das quaes nos escaparam os nomes, sustentando todas a necessidade de se estender a agitação por toda a cidade, procurando interessar nella o povo todo, para que as entidades interessadas sejam obrigadas a se occupar da questão.

Resumindo as propostas feitas, foram apresentadas tres moções, uma do academico Demetrio Seabra e as outras duas de Edgard Leuenroth e Paulo Cruz que foram fundidas em uma só.

A moção do academico Seabra é a seguinte:

— Proponho que se nomeie uma commissão que vá representar perante a Camara Municipal e o presidente do Estado no sentido de obter dos dois poderes, municipal e estadual, que os mesmos se comprometam a conceder vantagens e abrirem concorrência publica para a construção de casas operarias, a construírem mercaderias municipais que façam concorrência aos que, por falta destes, fazem preços a seu bel prazer.

A moção de Edgard Leuenroth e Paulo Cruz ficou assim concebida:

— O povo de S. Paulo reunido em grande comicio, no Salão Celso Garcia, para tratar do problema da carestia da vida,

considerando que a situação afflictiva em que se acha com a intoleravel carestia dos generos de primeira necessidade e o exorbitante e crescente augmento dos alugueis de casas, só encontra justificação na insaciavel ganancia de uma minoria de açambarcadores que não tem em conta a miseria da classe pobre;

considerando que a essa assustadora carestia geral não corresponde o augmento no preço da mão de obra, que se conserva nas

mesmas condições dos annos passados;

considerando ainda que se chegou a esta situação devido a sua grande apathia, deixando-se explorar sem fazer sentir o seu vehemente protesto,

resolve dar começo, com o comicio de hoje, a uma intensa e larga agitação publica, fundando para esse fim a Liga Popular de Agitação Contra a Carestia da Vida, com subcomités pelos arrabaldes, agitação esta que tem por fim chamar a attenção das entidades competentes que, por ella constrangidas, sentirão a necessidade de pôr cobro a um tal estado de coisas.

Postas em votação as duas moções, foi approvada esta ultima. Um membro do Comité deu então por encerrada a reunião, convidando o povo a tomar parte activa na agitação, na qual está ligada a melhoria das suas condições de vida.

E entre vivas a agitação contra a carestia terminou esse primeiro comicio.

O Comité da Liga Popular Contra a Carestia da Vida continúa a se reunir diariamente, preparando as reuniões dos arrabaldes, já estando determinadas as do Bevinga e Moóca, além das que se realizarão

No Braz e no Cambucy

Amanhã, domingo, serão realizados dois comícios, um no Braz e outro no Cambucy. O Comité da Liga Contra a Carestia da Vida distribuiu profusamente o seguinte boletim:

— Ao Povo do Braz e do Cambucy: Convida-se o povo do Braz e do Cambucy a concorrer ao primeiro comicio publico promovido neste arrabalde para lançar o seu vehemente protesto contra a crescente e assustadora carestia dos generos de primeira necessidade e o exorbitante augmento nos alugueis de casa.

Esta angustiosa situação, creada pela ganancia insaciavel dos açambarcadores, só terá um termo se o povo fizer ouvir a sua voz em uma intensa agitação.

Povo do Braz e do Cambucy:

Concorrei, pois, ás reuniões que se realizarão no domingo, 12 do corrente, ás 9 horas da manhã, a do Braz no salão da sociedade Leale Oberdank, sito á rua Brigadeiro Machado, 5, e a do Cambucy, no Largo do Cambucy, 24.

Todos ao comicio!

O comitê da LIGA POPULAR CONTRA A CARESTIA DA VIDA.

Os talões de cobrança das contribuições da Liga já estão sendo distribuidos pelas associações e grupos.

Os bens de Ferrer

Jorge Lorand, o deputado belga que tão habilmente obteve o reconhecimento da justiça, communico ao publico que a sentença do Supremo Tribunal de Guerra e Marinha de Hespanha já recebeu completa execução.

Apesar da desesperada opposição feita pelos clericaes, os valores que se conservavam no Banco de Hespanha, os livros e manuscritos da casa de edições da Escola Moderna, a propriedade rustica intitulada Mas Germinal e os papeis de Ferrer, tudo foi restituido aos seus herdeiros.

O polvo clerical tem de renunciar á sua pressa e de se resignar a ver proseguir a obra do assassinado de Montjuich, cuja innocencia, embora apenas de modo implicito, está já solememente reconhecida pela magistratura militar superior.

Só o infame assassinato é que é irreparavel.

Lourenço Portet, que foi, como se sabe, encarregado p'lo martyr de continuar a sua obra mais querida, já está de posse dos

livros da Escola Moderna: 400 mil fasciculos da obra prima de Eliseu Reclus, O Homem e a Terra, que Anselmo Lorenzo acabara de traduzir em hespanhol quando Ferrer foi vilmente assassinado, assim como muitos outros volumes de vulgarização scientifica e manuaes escolares. A casa de edições foi reaberta em Barcelona; e em Paris, Portet estabeleceu uma succursal, 83, rue Denfert-Rochereau. Entre outros livros, o continuador de Ferrer vai editar sem demora uma historia da Escola Moderna, escripta segundo notas deixadas pelo martyr entre os seus papeis.

Ferrer revive, e triumpho o seu grito derradeiro:

— Viva a Escola Moderna!

### Os sobrinhos de um vigário

Parce historia da vizinhança, mas não é

Era uma vez, numa cidade do Norte de S. Paulo, um vigário tão santo e tão honesto que era era mesmo uma «joia de Santo Ignacio».

O illustre «monge» vivia feliz, alegre e satisfeito, quando certa vez foi visitado por sobrinhos, duas bellas creanças vindas da Italia, sua terra natal.

(Muito bem. Todo vigário tem pleno direito de ter sobrinho bonitos).

Mas esses mesmos sobrinhos mereciam um tratamento especial por serem hospedes-parentes do sr. vigário, que muito sobrecarregado de affazeres religiosos não podia tratar dos seus mimosos hospedes com o devido carinhos.

E tratou então de arranjar uma mulher que se encarregasse do tratamento de seus gentis parentes.

(Até aqui tudo vai bem, muito obrigado, não ha de que).

Mas acontece que a mulher não podia ser velha nem muito menos feia, porque no primeiro caso seria impertinente e tritaria mal as graciosas crianças e no segundo caso não seria sympathizada pelas mesmas, que desde então não viveriam bem.

(Começa neste ponto a melindrar a situação do vigário).

Logo, por conseguinte, está visto que: a mulher não podendo ser velha nem ser feia, o sr. vigário, homem de talento genial, arranjou uma mulher moça e bonita como Joanna d'Arc.

(Tudo se resolveu finalmente; a mulher muito attenciosa tratou bem das creanças).

E iam vivendo muito bem, sob a divina protecção, os sobrinhos, o padre e a mulher, quando... (por uma fatalidade, desza que descem d'alem), os primeiros se vão embora deixando o «duumvirato» triste e saudoso.

(E' esta a parte dramatica e burlesca da maravilhosa historia).

E o padre ficou tão triste com a partida de seus adoraveis sobrinhos que a magreza tomou conta de sua corpulenta pessoa, obrigando-a a ficar na cama de papo para o ar.

(Agora vem a scena pathetica e commovente).

Um doente precisa de enfermidade, logo seu vigário tomou a dita e falada rapariga para tratar de sua delicada pessoa, até que se restabelecesse por completo do seu mal.

Ficando felizmente bom, o sr. vigário, em vez de despedir a rapariga, ficou com ella até o dia... «se-y-z» em que deviam chegar outros sobrinhos mais bonitos que os primeiros.

(Mas a Lanterna, que tudo vê, bispou o padre morando com a mulher, deitou logo sua luz «sagrada» sobre o duumvirato e gritou: Não pôde! Diabo Coxo.



### O celibato clerical

Na povoação de Romont, cantão de Friburgo, Suissa, o conego P., tendo seduzido uma professora primaria, de menor idade, bateu asas com ella, levando para os gastos da viagem de nupcias a caixa... da peregrinação de Lourdes.

Mas a raça dos tolos não se acaba!



Na Chamusca cheirou a chamusca —

Um drama de sangue por causa do Senhor da Misericordia — Põe-se uma questão de ideias no terreno do capricho e do desafio — Probe-se a procissão nocturna dos fogaréus — Uma revolta sacrilega de fieis — As versões contraditorias de um conflito — Tiros, bombas e pedradas — Quem começou? — Deixemos o braço secular, recorramos apenas à propaganda — O famoso motivo da alteração da ordem — O direito do livre pensador e as conveniencias do propagandista — Votos em favor da benevolencia.

LISBOA, 16 DE ABRIL

A povoação ribatejana da Chamusca foi teatro duma tragedia sangrenta, entre cujos motivos preponderaram, ao menos na apparencia, os de caracter religioso.

Deste caso poderia ter-me occupado na carta anterior, mas as versões eram tam diametralmente opostas e tam contraditorias as conclusões, que não era possível formar um juizo aproximadamente equitativo sobre o conflito. E as difficuldades persistem em boa parte.

Na Chamusca, como em muitas outras localidades portuguezas, é costume tradicional realizar, na noite de «quinta-feira santa», a procissão «dos fogaréus», ou do «Senhor da Misericordia», ou do «Ecce Homo». O ano passado, porém, embora não vigorasse ainda a lei de separação que proibe as ceremonias cultuais nocturnas, salvo quando de dia são impossiveis ou muito incómodas para os fieis, aquele costumado préstito religioso celebrou-se de dia por espontanea decisão dos organizadores.

Este ano quiseram voltar á velha usança. Seria porque, de dia, a procissão deixara de ser «dos fogaréus» e perdera parte da sua significação liturgica, da sua pompa fúnebre e do seu gosto tradicional?

Não o entenderam assim os republicanos. Segundo estes, tratava-se de um capricho e de um desafio. Os clericaes queriam ter o gostinho acintoso de violar a lei anticlerical e de lançar uma provocação triumphante aos adversarios. E assim parece que a questão foi posta neste perigoso terreno das rivalidades caprichosas.

Por um lado, os partidarios dos fogaréus trabalharam para obter a licença, que conseguiram da autoridade local; e por outro lado, o Centro Republicano representava ao governo, directamente e por intermedio da Associação do Registo Civil, sobre a conveniencia de impedir o cortejo cultural, na previsão de tumultos.

Como a lei de separação permite o culto externo onde for costume inveterado, vedando-o porém onde os fieis, ou outros individuos sem seu protesto, provocarem, durante o mesmo, alteração da ordem publica, o ministro da justiça lembrou a administrador do conselho da Chamusca a conveniencia de negar a licença, caso presumisse motins, que lhe eram annunciados como provaveis.

E o administrador retirou então a licença já concedida, não o demovendo deste proposito definitivo as mais reiteradas instancias dos fieis. Mas estes, pouco seguidores da resignação cristã, tiveram um ímpeto de revolta, arrombaram a igreja e puseram na rua a procissão. Foi quando esta passou em frente do Centro Republicano que se deu o grave conflito.

Os socios presentes achavam-se tranquilamente á janela assistindo ao desfile, dizem os anticlericaes. Estavam de chapéu na cabeça e em attitude provocadora, referem os catholicos. E como de baixo partiam protestos contra a irreverencia, logo sobre a procissão foram despejadas bombas e balas, que mataram um homem pacificamente parado a satisfazer uma necessidade, e feriram quatro fieis, bem como no proprio Centro um dos correligionarios. Não, senhores, replicam os contrarios: a agressão pastiu de baixo. Depois dos primeiros tiros disparados pelos fieis é que de cima foram atiradas duas inofensivas bombas

de foguete, unicamente para atemorizar. Foi preciso em seguida fazer fogo, porque a turba dos fanaticos ia assaltar o Centro, chegando o que foi morto, talvez por tiros de baixo, a trepar para a janela. O socio ferido recebeu a bala da rua, vindo outras cravar-se nas paredes, como o indicam os sinais ainda visiveis. E que o ataque foi premeditado, provam-no as pedras encontradas na sala, arremessadas de fora, quando ali por perto não ha pedras.

E' difficil desembaraçar das paixões partidarias a verdade dos factos e determinar os diversos motivos e influencias que o originaram. Não é de estranhar que, por trás desta contenda religiosa, se esconda uma briga de politica de campanario. Mas consideremos a questão sob o ponto de vista que mais nos interessa, simplificando-a e reduzindo-a a uma luta de ideias.

Ora se os catholicos foram, como sempre, fanaticos e intolerantes, não me parece que os adversarios tenham sido perfeitamente conscientes das suas ideias de livre pensamento e do papel que forçosamente hoje devem assumir de propagandistas.

O Centro Republicano pediu a prohibição do cortejo cultural nocturno. Porquê? Por ser contra a lei? Mas leis e prohibições não resolvem questões de ideias, e quem pretende convencer não começa por afastar e irritar. Ao livre pensador fica muito mal o recurso ao braço secular — como fazia a Igreja medieval... Recorra simplesmente á propaganda contra as religiões e a favor da tolerancia, essencia do livre pensamento, pela palavra e pelo exemplo.

Os clericaes ostentavam um capricho, lançavam uma provocação e um desafio? Mas para que responder? Pode venturosa um livre pensador, sem contradição, aceitar a luta no terreno do desafio e do capricho? A melhor resposta á procissão e ao desafio seria um claro e sereno manifesto de propaganda ou outra qualquer manifestação publica.

As procissões poderão provocar desordens? Eis uma razão empregada, *mutatis mutandis*, por todos os governos clericaes para impedir todas as manifestações publicas do livre pensamento! Em nome da ordem! Mas como prevenir com certeza as futuras alterações da ordem e em nome dessa arbitraria previsão cercar uma importante liberdade?

Os catholicos, como todos os desgraçados que se supõem senhores da verdade absoluta, querem na rua impor as suas creanças e o respeito pelos seus idolos a quem quer que passe. Seja! Mas uma liberdade só pode ser eficazmente defendida quando é violada; e se por exemplo, em virtude dos frequentissimos tumultos causados pela discussão nas assembleias de natureza diversas, fossem prohibidas todas as reuniões, que seria dêsse precioso direito? Os fieis da Chamusca podiam muito bem afirmar que se tratava de uma suposição gratuita, que as procissões anteriores correram sem novidade, que só a prohibição irritou os animos, e dizer que, se os adversarios presagiam motins, é porque tinham intenção de os provocar...

E depois, reconhecemo-lo: cada um tem o direito de repellar imposições dogmaticas e de, por exemplo, á passagem de uma procissão, não exteriorizar um respeito que não sente e um culto humilhante que detesta. Mantenha firmemente em seu direito incontestavel e defenda com alicão essa liberdade. Mas o propagandista deve sacrificar um pouco do seu orgulho ao tacto e paciencia que a propaganda exige, como o operador que sofre sorrindo os insultos do paciente. O fanatico, o possessor da horrivel mania da verdade absoluta é uma especie de doente. Uma coisa é sustentar um direito ante uma imposição, outra é ir em busca dessas imposições — ir para a janela, de chapéu na cabeça, com gesto de domador...

Infelizmente, o livre pensamento

parece ter tido pouco que ver com a rixa. Resultado: um morto, varios feridos, presos em ambos os campos. Esperemos que a «justiça» não venha alargar a ferida, tratando com demasiada e inutil severidade os processados, vítimas de paixões sectarias deploráveis e porventura de rivalidades políticas e locais.

Neno Vasco.

**Pelas publicações**

Ensaio de critica racionalista — (Ciencia e Arte) por Saturnino Barbosa, 912 Typ. Mendes & Carvalho — R. do Theatro, 42, São Paulo.

O autor, nosso distincto correligionario, reuniu, em 80 paginas de prosa espontanea, variadas considerações lançadas ao papel á medida que iam occorrendo, como elle proprio, com desassombro, dá a entender no remate do volume. E' ao mesmo tempo um defeito e um predicado: um defeito, sob o ponto de vista da exposiçao methodica das ideias; um predicado, sob o ponto de vista da sinceridade.

Não podemos naturalmente passar aqui em revista todas as opiniões expendidas pelo autor, todas as ideias que elle apenas roçou e que talvez desenvolvesse na nova edição que promette. Limitemo-nos ao que parece constituir o nó vital do ensaio — o amor livre.

O sr. Barbosa ataca com denodo os preconceitos sexuaes e nós estamos de accordo em quasi todos os pontos da sua critica. Ahamos, por exemplo, absurdo o culto da castidade, que é uma tara ou uma hypocrisia, e entendemos que o acto sexual não é moral nem immoral em si mesmo, não tira nem põe a honra. A prova mais clara é que uma viuva, tendo embora pertencido a outro, não é tida por mulher deshonesta e ninguém a repudia por isso: ora, nesta epocha de livre exame, não se pode sustentar a serio que algumas palavras sacramentaes do padre ou do juiz de paz possam tornar moral e licito o que porventura fosse immoral e vergonhoso! O acto sexual em si é pois indifferente, e a prostituição não é o facto de se entregar a varios amantes: ella não pode ser senão o facto de se entregar por qualquer motivo que não seja o amor (dinheiro, por exemplo), ainda que seja a um só homem, ainda que seja com a sanção legal e religiosa.

Tambem admitimos o amor livre, isto é, que a união sexual deve ser livre de qualquer pressão ou coacção material ou moral, sobretudo de caracter economico e juridico, baseando-se apenas no amor e nos sentimentos de solidariedade e affecto. E' um desiderato de que só nos aproximaremos sufficientemente numa sociedade em que o individuo não esteja sujeito a peias autoritarias e em que todos, homens e mulheres, pela socialização dos meios de produção, tenham garantida a subsistencia, sem que ninguém precise de vender o seu braço ou o seu corpo. E tem tambem cabimento neste ponto, para maior liberdade e sinceridade do amor, a educação sexual e a coeducação dos sexos, o protesto que o sr. Barbosa lança tão justamente contra a perigosa ignorancia relativa á questão da sexualidade. Nem resistimos ao desejo de citar e aconselhar a proposito, para educação dos adultos, o livro magistral do illustre naturalista e psychiatria prof. Augusto Forel, *La Question Sexuelle* (editor: G. Steinheil, 2, Rue Casimir-Delavigne, Paris; preço: 10 francos), e para os menores o habil trabalho de G. Bessède, *L'Initiation Sexuelle* (3 fr. e 30 centimos, pedidos a E. Morel, 10, Boulevard Magenta, Paris).

O amor livre, porém, é apenas isso, e nada tem que ver com a duração da união, nem com monogamia, polygamia ou polyandria. Ora em alguns pontos o sr. Barbosa parece confundir o amor livre com o amor multiple e acha que o ser humano não é monogamo.

Parece-nos uma conclusão arbitraria e prematura. A monogamia pode ser união livre e voluntaria, e pode não existir a menor parcela de amor sincero na polygamia ou na polyandria, franca ou hypocrita.

Hoje a polygamia e a polyandria disfarçadas são frequentissimas, são a regra por assim dizer; mas achamos que isso é precisamente porque não ha liberdade nem sinceridade no amor e na união sexual; porque as uniões se fizeram com a ignorancia dos cônjuges e sob a pressão do interesse e dos preconceitos. Nem o amor extramatrimonial é, em regra, livre e desinteressado.

Numa sociedade em que seja possível a união livre, ainda haverá certamente uniões desfeitas, erros de escola, temperamentos polygamicos e polyandricos, ao lado da monogamia firme e serena: mas nós cremos que esta será cada vez mais geral e que marca o ponto para o qual se dirige espontaneamente a evolução da familia.

Porque afinal este, fôco necessario de educação moral, escola indispensavel dos sentimentos affectivos, não assenta apenas sobre a paixão sexual, que pode durar pouco; mas ainda e sobretudo nos habitos de afeição e de solidariedade criados entre dois seres que convivem, fundindo por assim dizer as suas almas, e que o amor a educação da prole ligam estreitamente. O que é preciso é que os amantes não se unam, ignorando-se reciprocamente, e que não sejam encadeados um ao outro por qualquer especie de coacção ou por uma dependencia material.

Terminamos, desejando que muitos imitem o sr. Saturnino Barbosa, affrontando problemas que a hypocrisia e a coherda moral fazem evitar.

**Violencia Inqualificavel**

Mas quando isto terá um fim? E' o que pergunta toda a gente, de consciencia ao ter conhecimento das continuas violencias da policia.

Julgava-se que com a queda do caricato tyrannete que durante oito annos violou todos os direitos do cidadão a situação se modificasse, que a policia começasse a proceder de outra forma.

Puro engano. As violencias continuam a ser praticadas da mesma forma.

Como toda a gente sabe pela leitura dos diarios, os operarios da fabrica de calçados Clark estão em greve, ha uma semana, por não terem sido attendidos as reclamações que fizeram aos seus patrões.

E' um desses conflictos communs entre operarios e patrões, é «uma greve pacifica», como unanimemente afirma a imprensa quotidiana.

Um direito de que gosam os operarios de todos os paizes.

A policia, porém, assim não entende e põe-se abertamente, escandalosamente do lado dos patrões para esmagar pela violencia as preterções dos operarios.

E' o que se acaba de constatar ainda uma vez.

Na quinta-feira á noite foram presos tres ou mais grevistas.

Porque? Se a greve é pacifica, se ainda nem um só incidente verificou-se, se os grevistas mantêm-se na mais absoluta calma, porque foram presos esses operarios?

Porque? Pretenderá o novo Secretario da Seguranca Publica continuar a obra nefasta do seu odiado predecessor?

Estas violencias não podem continuar. O operario, victima predilecta dessa tyrannia, deve tratar de responder devidamente a essas ataques inqualificaveis contra os seus direitos.

Isto precisa ter um fim.

**CARTA ABERTA**

que ao bonço Sebastião Leme, bispo e coadjutor que se diz do Rio de Janeiro, endereça um obscuro operario, a proposito da sua 8.ª conferencia, na cathedral do Rio de Janeiro.

Reverendo charlatão. — Por indicação dum amigo, como eu tambem operario, li com muita attenção e não menos interesse a tua 8.ª conferencia da série que estás fazendo, estampada no jesuita papelucho que responde pelo nome de *Jornal do Brasil*, de 28 de março do corrente anno, e cuja substancia — para que negal-o? — produziu-me alguma indignação, que passo a representar-te ainda que em toca linguagem.

Dizes tu que a causa de todos os males sociaes que hodiernamente nos avassalam é a falta de religião, e que os anarchistas, a quem — seja dito de passagem — tu não conheces nem sabes quem são, já estão penetrados disso.

Ora, reverendo, tu mentes, e eu não toleraria assim impunemente a mentira sahida da bocca dum papa, quanto mais a dum simples cura de aldeia. Tu mentes, repito: — Os anarchistas não pensam tal. Pelo contrario: se fosse a falta de religião a causa de nossos sociaes males, então elles seriam os primeiros a propagal-a afim de que esses mesmos males desaparecessem. Mas, como a religião é a autoridade são os dois factores por excellencia de nosso mal-estar, eis porque os anarchistas combatem a ambos em conjunto. Compreendeste? Pois é isso.

Demais, para convenceres o teu ignorante ou hypocrita auditorio da veracidade de tua tresloucada asserção, de que «a falta de religião é a verdadeira causa de todos os nossos males», tornar-se-ia necessario que provasses a esse mesmo auditorio que nos seculos religiosos, isto é, da Inquisição, esses males não existiam. E terias bunda para tanto? Ora, quero crer que não, a menos para falsificares a historia, como tão frequentemente fazes ao tratar dalgum assumpto que á mesma diz respeito. Que dirias tu se te interrogassem, por exemplo, acerca dos costumes sociaes no seculo X? Que responderias tu se te perguntassem pela conducta moral dos papas João X, João XI, João XII, Benedicto IX, Sergio III, Alexandre VI, João XXII e Leão X?

Se quizeses servir á verdade historica, como é dever de todo o homem probo, responderias logo a tal pergunta — nada mais logico — que tais papas foram — como diz Barrota, um cardenal, nada menos — «uns infames monstros, assassinos, ladrões e envenenadores, dignos tão somente da corda e da guilhotina. Mas, tu bem te guardas de responder assim, porque o povo, para que continues crendo e portanto pagando, é preciso que não saiba essas coisas... (De lorgues por el deluchello non delerete de labeja esas delosaco, Que delo-eritasp deloioia!)

A tua ignorancia é tanta no que diz respeito á Sociologia, que chegas a afirmar, como verdade demonstrada, que os anarchistas querem a destruição da sociedade, quando em boa logica, corroborada pelos factos praticos que diariamente nos attestam, os verdadeiros destruidores da sociedade são os da tua laia. Repara nos Gyracos e nos Consonis!...

Se queres saber o que querem os anarchistas — e nisto creio cumprir um preceito de tua Igreja, ensinando a um boçal do teu calibre — leia as obras de Kropotkin, Faure, Grave, Réclus, Malatesta, Merlino, Proudhon, Gorki, A. Lorenzo e Prat, que ellas te dirão quem são e o que querem, e não te exponhas assim a cair no ridiculo, externando ideias e conceitos acerca duma doutrina philosophico-social, cujos principios basicos desconheces inteiramente.

Tu imaginas uma sociedade puramente theocratica, onde governo e povo — dizes — praticas sem sinceramente a religião, isto é, obedecessem aos bonzos; acrescentas que em tal sociedade (mas, que sujidade havia de ser!) não haveria «questão social», isto é, conflicts entre o capital e o trabalho. Mas, grandissimo cretino, refinadissimo hypocrita, que fez a Igreja em prol da «questão social» em todo o largo periodo de seu odioso dominio?

Acaso não houve já tempos em que a Igreja e os padres dominaram como senhores absolutos e omnipotentes e, precisamente, esses tempos, não foram os mais calamitosos para a humanidade?

Porventura julgas-tão ignorantes, a nós, operarios, acerca da historia ecclesiastica, a ponto de não sabermos o que foi a tyrannia da Igreja desde o IV até ao XVIII seculo, epocha da grande crise? Ah ceco raspado! Como te enganias redondamente!

De maneira que tu desearias que houvesse um paiz — que por certo não ha de ser o Brasil — em que governo e povo seguissem á risca as leis do Christo, isto é, dos tonsurados, hein? E diga-me uma coisa: quem interpretaria e ensinaria essas leis?

Os padres, não é isso? Logo, teriamos que obedecer aos padres e não a Christo. Já te comprehendo, escriba, phariseu, hypocrita. Mas previno-te que te enganias mais uma vez.

Fica sabendo, seu bonzo leme, que nós, os operarios conscientes, detestamos o teu deus, o teu christo, os teus santos, que foram todos uns imbecis e cretinos, quando não assassinos e ladrões, como Gúsmão e Arbués; nós desprezamos a tua igreja e seus embusteiros dogmas; amaldiçoamos o teu pio io, vulgo Juca Salto ou sarto, assim como a todos os tonsurados: por isso não temos necessidade de deus, de religião, de igreja nem de padres.

Teu Eterno e Irreconciliavel Inimigo:

José Martins.



**A "Lanterna" em Santa Catharina**

Carta de um colono allemão ao bispo de Florianopolis.

Egcellentissimo Senhora Pispá e querrida patricia.

O meu carta que hoje envia a V. Egc. tem por fim expôr-vos o minha modo de pensar sobre o ncco religião.

Ja non é mais aquella emprute-cido colono d'aquelle tem em que, apesar de doente e alquebrada sob o peso de longos annos de trapalho, provava-se como uma reptil diante de V. Ex. quando, orgulhosamente, atravessavas por entre as multidões que, como eu, arrastavam o pesado capresto com que nós amordaa e aniquila o religião catholico.

Non, Senhora Pispá, eu agora fica p'ra emancipada. Eu agora acompaño os milagres do cinema, do grafophone, do raio x (sem ser aquella que cai no Sereja), do telegrapho sem e com fio etc. etc., e deixa V. Egc. engendrando descapelladas mentiras ahm de melhorar a situação do vosso kristo que o sciencia vai aniquilando e fazendo o que só Elle (como diz V. Egc.) podia fazer.

«Abrir escolas é abrir cadeias»: assim diz V. Egc. Mas eu diz como toda xente livre: abrir escolas par-roquias é domar burros pro sr. Pispá montarr.

Nós vive da nosso traballo e V. Ex., assim como todo o clero, vive explorando o nossa fé.

A minha pissarr-avô, minha avô e minha pai passarão toda e seu vida rezando e petundo pra Deus (gott, no meu e seu lingua) axudas, mas qual, todos morre no mais extrema pobreza, enquanto outra xente que non sabe rezar fica sempre p'ra rico e o arma bem conservado na sua corpo vigoroso e forte.

Deus, Senhora Pispá, é um criação theologica do homem e não o homem uma criação do Deus.

Si Deus existisse em toda a parte e se fosse, como se pensa, a unica autoridade suprema, cuja bondade é infinita para com suas filhos, de certo non collocaria milhares e milhares desses mesmos filhos, erroado a sua semelhança, debaixo de rigoroso poderio de outros, soffrendo os maiores privações apesar de invocarem tia e noite a sua proteção. «Deus ama os pequeninos» — são estes os palavras com que o Sereja faz todo o pobre consentir a frielo e rabicho para o claro poder montarr sem recio de sahir. — Mas eu diz porque razão Deus faz o sente grande para depois fica com medo de chamar elles tempo p'ra si e tis que rico vai p'ra inferno? Ah! Sr. Pispá, todo esse coisa já naufragou no espaço do seu livre mas fil patricio. — Kaos.

**NO CONVENTO**

(TRADUÇÃO)  
Pia  
légubre canto.  
no fundo valle o vento.  
Parecem ais de horror, vivos de pranto,  
de almas penadas tenebroso accento.  
Na ramaria, o inócho  
légubre canto  
pia  
Bate  
a meia-noite  
no sombrio Mosteiro.  
O som ecoa triste na alta noite:  
temeroso se apressa o viajero.  
Deixam a tumba os mortos;  
a meia-noite  
bate.  
Reza  
ferventemente  
a freira inconsolada,  
com a vaga pupilla tristemente  
posta no triste olhar da immaculada.  
Esquece, ingrato amante!  
ferventemente  
reza.  
Chora  
a desgredada  
a juventude bella.  
Chora o vil pelo qual jaz enterrada  
entre as paredes duma fria cella.  
Seus sonhos esvaídos  
a desgredada  
chora.  
Lembra,  
hora por hora,  
horas a sós, de encanto.  
Morto, acabado tudo, sente agora  
uma volúpia sem igual no pranto.  
Horasidas de febre,  
hora por hora,  
lembra.  
Conta  
só com a morte  
para estender lhe os braços,  
e em seu amplexo majestoso e forte  
cerrar enfim de vez os olhos lassos.  
Para o ansiado olvido,  
só com a morte  
conta.  
(Original italiano de A. PICCARDI).

Zeno Vaz.

**Capital e trabalho**

**Um paralelo**  
Se compararmos o operario e o empregado do commercio, chegaremos á extranha e triste conclusão de que aqui, como infelizmente em toda a parte, ha a lei dos dois pesos e das duas medidas.

A classe commercial, devido á sua cohesa tenacidade, de conquista em conquista, vai adquirindo os fóros da consideração, que lhe é merecida. Assim, ultimamente, obteve o fechamento das portas ás 7 horas da noite, fazendo-o por conveniencia e economia, muitas grandes casas mesmo, ás 6 1/2 horas. Foi mais uma grande victoria da briosa mocidade commercial que, em outros tempos, devido á sordida ganancia dos seus patrões, não raro trabalhava até meia-noite, tendo começado a sua faina ás 5 horas da manhã.

Mas, como desgraçadamente sempre, essa lei, apesar de justa, é falha, porque é unilateral, só visa o bem de um grupo, pequenissimo, diante do outro que é immensamente maior: — o da industria, o operario.

A industria, isto é, o pessoal que a compõe, continúa a gemer na tyrannia atroz a que está sujeita. O operario, essa besta humana, essa machina intelligente, continúa sob o látigo ferrenho da oppressão, coberto de ignominioso opprobrio. Para esse infeliz, que já tão pouco pede e tão modesto é nas suas aspirações, nem o pouco se lhe concede.

Elle não tem domingos, não tem feriados, não tem dia e não tem noite: trabalha ao capricho dos patrões, á mercê da sua ex-cravel ambição e quando muito bem lhes parece.

Elle, que se esgota em labores que matam de fadiga, que exaurem todas as forças vitaes, que prostram, que enervam, que aniquilam, elle, a besta humana, não tem repouso, para elle não ha lei que regulamente o trabalho. Começa ás 5 horas da manhã e ás 6 da tarde, moido do excesso de forças expendidas, com o corpo quebrantado e os membros lassos, deixa a canga do captivado, se mora longo, o que quasi sempre se dá, faz, para sobre-carga, uma longa e estafante caminhada e, chegado á sua casa, indifferente aos carinhos da esposa e dos filhinhos, pois está no

fim de suas forças, ingere o seu magro jantar, regado com tantos e tão dolorosos suores, para logo em seguida cair no duro leito afim de repousar algumas horas, porque ás 4 da manhã ou menos, 3 e 1/2, deve levantar-se para ser de novo jungido á canga do trabalho. Isto quando o seu *senhor feudal* não entender de o fazer trabalhar até meia-noite.

Assim, a facção mais importante que existe, o esteio da humanidade toda, não tem quem olha para ella, não tem para quem appellar, pois que os que nos dirigem fazem ouvidos moucos a tudo que não diz respeito a réles politiquices e protecção aos afilhados.

A besta humana ahi está, — carneiro paciente, sempre tosquiado e sempre por tosquiar.

O seu direito, esse que lhe assiste, que é propriedade sua, inteira, completa e unica, é o DE NÃO TER DIREITO ALGUM

Trabalha, besta humana, de dia e de noite, a hora e fóra de hora, cança-te, reduza-te e aniquila-te afim de augmentar o mealhinho do teu *senhor*; de joelhos e beija-mão, recebe os castigos que elle houver por bem infligir-te; e quando mais não puderes, reduzido de forças, aniquilado e consumido, desce ao pó da sepultura e sorrete no esquecimento do nada, do nirvana, porque tu não tens direitos, tu não és um semelhante, tu não és um ser humano, em tudo igual ao teu *senhor*, tu, tu és uma machina que fala e que trabalha, nada mais; tu nasceste para servir ao teu *senhor*, para augmentar a sua fortuna, para proporcionar-lhe gosos e delicias, porque tu, tu és sua creatura, tu lhe pertences e quando para nada mais prestares, serás lançado fóra como um limão expremido, que já forneceu o seu precioso succo, e agora nenhum prestimo mais tem!...

Desgraçado sonhador que esperas vêr reconhecido o teu direito e os fóros teus de humanidade! Não esperes que, de si, t'os reconheçam. Em ti, em ti sómente reside a força que te libertará; acorda pois, e age, liberta-te e sê homem!

(S. Paulo).

R.



**Secção amena**

O cardinal de Richelieu perguntou certo dia ao seu confessor, padre jesuita, quantas missas eram precisas para livrar uma alma do purgatorio. — Bois um ignorante, respondeu o cardinal. Quanto a mim, sei isso perfectamente: são necessarias tantas missas quantas bolas de neve seriam precisas para aquecer um forno.

O papa Bonifacio VIII teve o merito de ser brutalmente sincero pronunciando com todo o peso da sua infalibilidade as maximas seguintes: — O Evangelho ensina mais mentiras do que verdades. — O parto da Virgem é um absurdo. — A incarnação do filho de Deus é ridícula. — O dogma da transubstanciação é uma tolice. — As sommas que a fabula do Christo tem rendido aos padres são inoportunaveis.

Na Igreja é preciso vender tudo o que os simpliciosos querem comprar. — Os homens e os brutos tem almas semelhantes que não são mais immortaes umas do que as outras.

O vigario, na aula de catecismo, narra a historia dos esposos Ananias e Saphira que, tendo mentido a S. Paulo, foram castigados com a morte. Depois perguntou aos alumnos: — Deus, ainda hoje, castiga desse modo a quem diz uma mentira? — Não, senhor vigario. — Porque votou affirma isso? minha filha. — Porque se fosse assim, não haveria mais ninguém vivo.

**DIVERSÕES**

CINEMA CONGRESSO — Concorridissimas têm sido as sessões deste cinema, devido aos bellos *films* ali apresentados.

Hoje haverá espectáculo com escolhido programma.

THEATRO CASINO — Este theatro tem sido pequeno para conter o publico que ali vai assistir os excellentes trabalhos do celebre transformista imitador ventriquo Fregolino.

THEATRO COLOMBO — Neste theatro está trabalhando com grande successo a Companhia Juvenil de operas e operetas.

JOCKEY CLUB — Amanhã, no Prado da Mooca, realizar-se-á mais uma corrida, havendo bons premios aos vencedores.

**Vida operaria**

EM S. PAULO

A classe trabalhadora de S. Paulo vai entrar em um periodo de franca actividade na reorganização das sociedades destinadas a patrociná-la a sua causa.

Além da União dos Canteiros, que está ha diversos annos na brecha, estão sendo associadas as classes dos sapateiros, pedreiros e alfaiates, que já têm os seus sindicatos fundados. Os graphicos realizaram dentro em breve uma grande assembleia com esse fim, reunindo-se hoje á noite a commissão iniciadora desse trabalho. Os pintores tambem se reunirão com identico intuito.

E para unir todas essas agremiações de S. Paulo e as que existem espalhadas pelo Interior num forte organismo federal, reunir-se-ão em breve as suas commissões e representantes, que deverão iniciar os trabalhos necessarios para o reerguimento da Federação Operaria do Estado de S. Paulo.

Movimentos de sapateiros — A classe dos sapateiros está em franca agitação.

Em diversas officinas já foram conseguidas algumas melhoras, como se verá por esta pequena reseña:

Os operarios da fabrica Rocha, depois de uma greve de 13 dias, conseguiram a demissão do mestre geral — um verdadeiro tyrannete — a redução de 9 para 8 1/2 a jornada de trabalho, que terminará ás 12 e 1/2 aos sabbados, e um augmento de 20% nos salarios das pespenteadeiras. Na Fabrica Mellilo foi conseguida a redução de 9 para 8 1/2 as horas de trabalho e o abandono do servico á 1 hora aos sabbados. Na fabrica Gravino obtiveram a redução do horario de 10 horas para 8 e 1/2, um augmento de 25% na nos salarios dos operarios da secção de montagem e o abandono do trabalho ás 12 e 1/2 aos sabbados. Na casa Pellegrini conseguiram reduzir a jornada até á 1 hora aos sabbados e um augmento de 20% nos salarios. Na fabrica União conseguiram essas mesmas reduções no horario de trabalho. Os operarios da fabrica Barauna estão em greve para conseguir um augmento de 20% nos salarios e a demissão de um individuo ali admitido como mestre-espího. A corporação da fabrica Clark, composta de mais de 700 operarios, tambem está em greve ha uma semana.

As pretensões dos operarios em greve consistem no seguinte: redução de nove para oito horas o trabalho diario; abolição de todo e qualquer trabalho por peça, estabelecendo-se as diarias de 75000, para os cortadores de primeira classe; de 65000, para os de segunda; de 55000, para os de terceira; 45000, para os menores que cortam obra paulista, e para os que cortam aviações augmento de 30 por cento; na secção de sola machinas, augmento geral de 20 por cento; para os apontadores, augmento de 100 réis em duzia de pares de qualquer qualidade; na secção de mulheres, augmento de 200 réis em duzia, para as escaradeiras, e de 25 por cento para as engraxadeiras e pespenteadeiras.

Os operarios da secção do trabalho para senhoras da casa Morelli, que faz trabalhos para a fabrica Clark declararam-se em greve de solidariedade com os seus collegas daquela casa, fazendo iguaes reclamações.

Puzeram-se ainda em greve os operarios da fabrica de alpercatas da rua da Concoridia, reclamando a jornada de 8 horas.

Keina grande enthusiasmo em toda a classe, que se reunindo diariamente os grevistas.

**NUCLEOS DA VANGUARDA**

EM S. PAULO

Centro Libertario do Braz — Realizou-se no domingo, como haviamos annunciado, a reunião de libertarios residentes no bairro do Braz.

Ficou assentada a fundação do centro, marcando-se para domingo proximo uma nova reunião, que se realizará na rua Coronel Mursa, 3, ás 3 horas da tarde.

A commissão nomeada na reunião de domingo, composta dos companheiros Galileu Saeches, Edmundo Colli, José Forcadel e Salvador Caruzo, pede o comparecimento de todos os interessados.

**Aos assignantes da Mogyana**

Partecipamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começou a cobrança por essa zona.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

**Em Campinas, e Jundiáhy**

Participamos aos nossos assignantes destas cidades que por toda esta semana serão visitados por um nosso companheiro.

Todos sabem que estas viagens custam-nos grandes despesas, razão pela qual estamos certos que nem um só dos amigos da *Lanterna* deixará de contribuir com a sua assignatura.

Os que não puderem ser encontrados, farão o favor de deixar em casa a quantia devida.

Itabira do Matto Dentro (MINAS)

Miguelzinho do Chafariz, um honrado taverneiro que, no seculo passado, passou pela vida aqui, educava seus filhinhos honestamente na casa onde reside hoje o vigario desta infeliz parochia de Itabira.

Manas e pacificamente, bebendo a noite no seu balcão a sua tijela de mingau, ensinava musica aos filhos, cujos instrumentos maravilhosamente executados — flauta, rabeca e violão, elle acompanhava e fazia impecavel ritmo com seu classico rabecaço.

O Guegué gemia admiravelmente a sua rabeca; o Major, magrinho e carepado como o pai, patapiava a sua bohemie de modo irreprehensivel e o Olympio delilhava o violão em harmonia cheia, vexando qualquer harpa.

Nesse seio de Abraham paravam elles quieto, até que para a Escola de Pharmacia de Ouro Preto fosse o Major, e para o seminario fosse o Olympio.

Formou-se um, ordenou-se o outro, morreu o Guegué e terminou-se aquella fonte de harmonia, para começar com um só dos sobreviventes — o padre — a fonte da desharmonia.

Ordenado o Olympio, secretario de direito da religião catholica romana, e de facto, secretario da grei de Onan, não tardou por isso mesmo a dar em os costados na camisola de força em um hospicio local, onde — e voltando — virava pote, bago de milho e atucupe, saindo nessa metamorphose de locus, que não se metamorphoseava para dar passagem ao resto do curso.

O pranteado clinico dr. Manuel Camillo, estudando a maliquice do padre, chegou a convicção de que se uma Venus poderia arde-la do templo de Onan, em cuja seita não se curaria.

A familia protestou contra a indicação medica — por ser de encontro ao voto de castidade prestado pelo filhote enfermo.

— A sciencia exige isso — diz o medico — não sei o que exige o voto dalle: aquella dá-lhe a saúde e este dar-lhe-á a camisola de força.

Estava lançado o dilemma para a familia estudar. Resolven-se pela saúde, restando somente a Venus, em cujo altar fosse o pobre leuoe reformar o voto catholico romano. Onde encontre-la?

Havia aqui uma ex-bella filha da densa do amor, e que, avançada em idade, já não fazia milagres. Correu pela cidade a procura de quem obrigasse, a nuque, o padre entrar na seita indocada pela sciencia; sabendo ella disso, enfeitou-se, poz pince-nez, offereceu seus serviços ao encarregado da nova enfermaria e... tudo conseguiu.

Santo remedio! Em poucos dias deixou o padre Olympio de jogar pedras, para jogar-lhe beijos á passagem para a missa da manhã! Santa Paganha, se algum dia o padre for á cadeira de S. Pedro...

Dahi em diante ficou o Olympio um pandego! Era um riso em pessoa, uma gordura em progresso. Perdeu a cor de pedra de espingarda que tinha nas orelhas, creou bojo, ficou um fradilhão perfeito no typo do descrito por Boccaccio, se lhe faltando a barba hirsa que no peito assenta e tambem as nove para lhe mofar dos brados porque só uma poderia faze-lo.

hermistas, obrigando, com isso, os maridos a impedirem que as esposas fossem á matriz. Plantou a cisania nos lares e no seu balcão, a igreja. Se o proprio S. José piasso em Hermes, o padre arranjaria as coisas de modo a nunca mais o santo pensar em partir o lendario queijo. Fez o diabo!

Ultimamente deu elle para descompor do pulpito a todas as moças ou mulheres, sem excepção, porque não feeham as caras aos rapazes que se namoram na igreja, vindo lá a sua Paganha, a quem bem podia elle reprehender particularmente, meia hora depois, em sua propria casa, onde entrou á vista do povo que vinha da igreja, na quinta-feira santa ultima, e no dia seguinte, sexta-feira da paixão, na hora da caçada, digo, consoada, que fizeeram juntos.

Muitos moços se retiraram só com um preludio — e não viram o diabo das asneiras se arrebatando no sermão de lagrimas.

A semana passada, tendo fallecido aqui um irmão do Santissimo e de S. Francisco, de cuja irmandade o monsenhor Elgracio é capello, ao enterro compareceu o maluco levando a irmandade do Santissimo á igreja de S. Francisco; lá encontrou o padre Santo, substituto de monsenhor Julio que está em Caxambú, e, sem cumprimentar o collega, fez a encomendação pela irmandade do Santissimo. O padre Santo foi fazer em segunda a encomendação pela irmandade, de que está como capello: invencivel — fecho o tempo! O vigario não virou cuspe nem pote; virou um sacro peçonhento: deu botes no padre que foi um escandalo, porque a fazer a 2ª encomendação — para ganhar por partidas dobradas, Milton pastoral, ordens, leis e tuti caniti, fazendo-me crer e a muitos presentes ao acto, que é mesmo o de Boga: «Dr. na asneira e na sciencia de burro».

Continuam a chover suas excomunições contra os hermistas em todas as eleições; descomposturas na mulher itabirana — porque a delle é do Peonha — sem exceptuar uma só, porque não feeham a cara aos rapazes; começam os improperios aos que se mudam para aqui sem registarem consigo certidões de casamentos, aconselhando que não sejam taes casas procuradas porque são amanteados; continúo o seu rancor até aos defunctos hermistas, como se esse partido usasse chamar eleitores, que só por desgraça da morte podem ficar sob as ordens de um maluco; continuam outros melindrosos factos a que voltarei ainda. E o povo está sem esperança de ver a nossa matriz deixar de ser um balcão em hospicio, para ser outra vez uma igreja.

E o bispo não vê que esta cidade é digna de melhor sorte, e não lhe manda uma suspensão, que é tão effiz nesseas loucuras que a Venus foi na sua de Onan.

Voltarei. Um itabirano.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Realizou-se no dia 1º de Maio a festa de propaganda que esta associação projectára levar a effeito por occasião da commemoração da grande luta.

A's 8 horas da noite já se achava literalmente cheio o grande salão do Centro Gallego, á rua da Constituição.

Pouco depois, deu-se começo ao programma da velada, sendo representada a peça em 1 acto de Pedro Gori, — O T. de Maio.

Terminada esta, falou, rememorando a data que o proletariado do mundo civilizado nesse dia celebrava, o companheiro Ulysses Martins.

Seguiu-se o drama em um acto de Marcello Gama — o Avatar, muito bem desempenhado pelas sras. Adelaide Costa e Encarnacion e Ulysses Martins.

A quarta parte constou da comedia em 1 acto de Neno Vasco — O peccado de Simonia.

Foi um verdadeiro successo a representação da fina satira do nosso querido companheiro ausente Neno.

O riso franco sublinhou sempre as melhores passagens da obra prima do escriptor libertario.

A "LANTERNA" NO INTERIOR Em Rio Preto

Pela primeira vez, nesta cidade, o operariado celebrou condignamente a data que lembra a execução dos martyres de Chicago.

Na vespera do dia 1.º foi distribuído profusamente um vibrante manifesto e á noite subiram ao ar muitos foguetes, e bombas estouraram, annunciando o celebrado dia e chamando a postos a legião do trabalho.

No dia 1.º, pela madrugada, a cidade foi despertada pelo estridor das baterias e pelos sons maviosos do hymno dos Trabalhadores, executado pela «Lyra Riopretense» que, em alvorada, percorreu a cidade.

A's 2 horas recolheram-se ao salão do Pathé Cinema, onde falaram diversos oradores, fazendo o historico da data, o seu caracter e tendencias e explanando-se sobre as doutrinas socialistas do companheiro João Tiroini, que até aqui veiu especialmente para esse fim.

Até aqui nada de mais. O grotesco da commemoração estava reservado ao vigario Joaquim do Canto.

O generoso ministro do senhor, compadecido pelas alminhas dos pobres operarios, promptificou-se, todo lampeiro, a cantar uma missa acompanhada de injeção verborgica, offerecida aos operarios, que deviam assistir-a com o rubro pavilhão da Liga desfraldado.

Suppunha o reverendo que o operariado do Rio Preto é todo beocio; mas enganou-se, por quanto aquelles que enxergam alguma cousa adiante do nariz, responderam altivamente que dispensavam semelhante presente de grego.

O ingenho vigario, offendido nas suas santissimas intenções, prometteu vingar-se, e de facto: á noite deitou falação na igreja e desancou os operarios, principalmente os irreligiosos.

Casualmente, na occasião em que o tonsurado falava, passavam pela porta da sua tenda de trabalho alguns operarios emancipados, que ouviram o final da sua inspirada arenga, que era em resumo o seguinte: «O operario sem religião ou é um louco, ou um bandido e ladrão!»

Ante tão grosseiro insulto e receando que do bestunton tonsurado continuassem a jorrar asnidões identicas, entendemos arrolhar-o com a fatidica pergunta: «Onde está Idalina?»

O tiro foi certo. O tonsurado escabujou como um porco espinho ferido e após ter vomitado mais algumas pragas e ameaças, arremetteu-se ao silencio, donde, aliás, nunca devia ter sahido.

O caso repercutio immediatamente pela cidade e não faltaram sandeus e Iskariotes que pretendessem envencenal-o e deturpal-o em detrimento dos offendidos, que fomos nós, os Operarios emancipados.

Em Jundiaby A commemoração do 1.º de maio foi aproveitada nesta cidade para uma larga propaganda no seio da classe trabalhadora.

Na noite de 30 realizou-se uma excellente velada no Cinema Rio Branco, representando o Grupo Dramatico Ermett Novelli o drama social em 4 actos de Giulio Cesare Idi infranti e o drama em 1 acto de Augusto Novelli Per il codice.

Num dos intervalos o velho propagandista Julio Sorelli fez uma bella conferencia que deixou funda impressão na numerosa assistencia, da qual arrancou fartos applausos.

No dia 1.º pela manhã os operarios fizeram uma passeata pela cidade, levando á frente, tocando o «Hymno dos Trabalhadores», a banda de musica Carlos Gomes.

A's 9 horas da manhã o povo reuniu-se no cinema já citado, onde o camarada Julio Sorelli fez uma nova conferencia, provocando geraes applausos a sua firme argumentação.

se precipitavam uns sobre outros, em phrases brilhantes, largas e elevadas.

Em seguida usou da palavra a menina Theresa de Lima, alumna da escola da Liga, que, com acertadas palavras, lembrou ao povo a grande causa da Internacional, cujo fim é unir e estreitar todos os trabalhadores sem distincção de cor e nacionalidade.

Fala em seguida o menino Antonio Place, tambem alumno da mesma escola, recitando o hymno «Filhos do Povo». Foram ambos muito applaudidos.

Em seguida o secretario da União convidou a senhorita Francisca Capalbo a fazer uso da palavra. Esta, accedendo ao convite, dirigiu-se para a tribuna sob uma estrondosa salva de palmas.

Calma e serena, ataca fortemente todos os preconceitos que escravizam a mulher e lhe tolgem a liberdade; critica acerbamente os falsos representantes do povo que o illudem com promessas, e termina convidando todas as suas companheiras de trabalho a unirem-se á phalange de combatentes e pugnaem pela reivindicacão dos seus direitos.

Como o tempo ameaçasse chuva, foi suspensa a sessão, convidando-se o povo para a passeata na rua, sendo saudada a redacção do Operario pelo dr. Passos Cunha. Respondeu-lhe o no-so companheiro de lutas Pedro S. de Oliveira Mesquita, que fez um historico da vida do operariado sorocabano.

A's 8 horas, no «Pavilhão Sorocabano», teve inicio uma serie de conferencias anticlericales, usando da palavra o companheiro Pedro S. de Mesquita, que verberou a sanha infame do clericalismo, sendo muito applaudido. Seguiu-se lhe o camarada Eladio Antunha, que com suas palavras incisivas estigmatizou a pustulenta jesuita, pondo á mostra o reptil asqueroso e peçonhento que é o jesuita.

Falou depois o dr. Passos Cunha, historizando toda a dolorosa campanha pró-Idalina, verberando o procedimento infame do Treppoff mirim W. Luiz, que, por infelicidade, o povo paulista teve de supportar o peso da sua crueldade e da sua tyrannia durante oito longos annos. Terminou a sessão com o recitativo da poesia «Idalina», pelo menino José Cardini, que foi muito applaudido.

Deuse depois inicio á exhibição das fitas de propaganda, terminando a grande commemoração do 1.º de Maio sem um pequeno incidente que perturbasse a sua boa ordem.

Ida Moreno.

Bilhetes e recados Santo Ignacio — J. A. Brillante: Já lhe temos enviado o jornal. Está certo o endereço. Saudações.

Queluz — Seth Latour: Recebemos os 6\$ da assignatura do sr. J. P. Remetemos os na. pedidos. Está e não deve sair mais... Então querem vocês perder uma tal joia?... Os que desejarem tomar assignatura, poderão remetter o importe em carta registada. Saudações.

Jundiaby — M. J. de Fonseca: Recebemos o IV artigo da serie Saudações.

Rio — M. V. de Carvalho: Recebi seu amavel cartão e o original, que será publicado. Prestar-nos-ia um obsequio se escrevesse alguma coisa sobre os boletins que nos enviou. O amigo está mais ao par do assumpto, por isso poderá destriçá-lo melhor. Saudações.

Amargosa — A. M.: Recebemos sua carta e o jornal. Procuraremos fazer o que nos pede.

Monte Azul — J. C.: Foi feita a transferencia pedida.

Florianopolis — C. E. de M.: Recebi sua carta de 1.º e de dois artigos. E essa crescente inação não cessará enquanto a nossa reacção não se fizer sentir devidamente. E' uma obra que urge. Compreendemos que protestem: deem-lhes as chibatadas. Saudações a todos os companheiros de luta.

Bibliotheca del-Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo. El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix. Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo. Monita Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chies. La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Serie em publicação: Dios, por Sufer y Capdevila. Los Milagros, por Roberto Robert. Lo que comen los curas, por Frey Gerendio. Viaje al Inferno, por José Nakens. La libertad de ensinanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo. Sonetos Piosos, por varios. Retratos de José Nakens, 1\$500 réis.

Engenho Stamato

Em engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO Filial, RUA da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro. Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burohard, 146 — S. Paulo.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 60 — S. Paulo

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulso em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior. Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa. Belo Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Balbo, e irmão. Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Comercio 1 — A. Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ M. Gorki, Os amassadeiros... \$200 A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho... \$200 H. Malatesta, Programma socialista anarquista-revolucionario... \$100

EM HESPAÑHOL J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población... \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia... \$100 C. S. Darrow, Crimen y Criminales... \$100

EM ITALIANO Dottor Nicolò Converti, Che cosa è il Socialismo... \$100 Romano di una Donna, Angelo Longaretti... \$1500 Almacco Libertario illustrato 1909... \$300

EM FRANCEZ Les Prison, Pierre Kropotkine... \$300 L'Esprit de Révolte... \$200 René Chaughy, La Femme Etudiante... \$100 Jean Grave, L'intente pour l'action... \$200

Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs... \$100 Charles Albert, Patrie, Guerre, Casernes... \$200 Elisee Reclus, Evolution e Revolution... \$200

Urban Gobier, Aux Femmes... \$100 E. Malatesta, Entre Paysans... \$300 M. Nettlau, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière... \$200

Marc Pierrot, Sur l'individualisme... \$300 Louis Blanc, Quelques Vérités Economiques... \$100 André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière... \$100

Pedro Kropotkine, Le Salarial... \$100 "La Morale Anarchiste"... \$200 M. Pierrot, Travail et Surnumage... \$200 Direrot, Entretien d'un philosophe avec la marchale... \$100

Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics... \$100 Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politien... \$100 Les temps Nouveaux, Contre la Guerre... \$200

Só podemos attender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nas seguintes pontos: CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio; Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate); RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria. Na rua do Senado, 61. Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prigui. Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonar do Bettino. Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro. Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi. Rua 1.ª de Março — Agencia do sr. Mandarino. Rua Uruguanys, 110, esquina da rua do Rosario (engraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (engraxate). Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compa. Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Isabel. Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

Leiam! propaguem! o Evangelho da Hora que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estilo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E, não uma parodia, que poderia cair no ridiculo, mas uma sentença, uma empolgante, uma commovadora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidarias e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço: Um cento... 6000 Avulso... 200 réis Os pedidos de folhetos acompanyados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Bibino de Oliveira n. 28, S. Paulo. Grupos "Anonim" e "Libertario", editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda. São vendidas ao preço de 1\$000 pagando mais 200 registradas pelo correio.